

John Steinbeck

BATALHA
INCERTA

tradução de

Fernanda Pinto Rodrigues

LIVROS DO BRASIL

*Forças incontáveis de Espíritos armadas
Que ousaram não gostar do seu reino e, preferindo-me,
Ao seu poder supremo outro poder adverso opor
Em batalha incerta nas planuras celestes,
Fazendo tremer o seu trono. Que importa que perdido fosse o campo?
Nem tudo está perdido: nem a verdade incontestável,
Nem o planejar da vingança, nem o ódio imortal,
Nem a coragem para nunca se submeterem ou cederem.
E quem mais há que não possa ser vencido?*

Paraíso Perdido

Era noite, finalmente. Os candeeiros de iluminação pública acenderam-se e o letreiro a néon do restaurante da esquina começou a acender-se e a apagar-se, com a crua luz vermelha a explodir no ar e a inundar o quarto de Jim Nolan de uma suave claridade avermelhada. Durante duas horas Jim estivera sentado numa pequena e dura cadeira de balanço, com os pés em cima da colcha branca. Quando escureceu por completo, tirou os pés de cima da cama e bateu nas pernas dormentes. Ficou um momento imóvel, enquanto o formigueiro lhe subia e descia em ondas pelas barrigas das pernas. Depois levantou-se e acendeu o candeeiro sem quebra-luz. O quarto mobilado iluminou-se e mostrou o seu conteúdo: a grande cama branca, com a coberta de uma brancura de giz; a escrivaninha de carvalho dourado e a tapete encarnada, limpa, mas tão puída que estava praticamente reduzida à urdidura castanha.

Jim dirigiu-se ao lavatório, ao canto, lavou as mãos e enfiou os dedos molhados no cabelo. Olhou para o espelho, suspenso acima do lavatório, e, por momentos, perscrutou os próprios olhos cinzentos, pequenos. De uma algibeira interior tirou um pente de bolso, penteou o cabelo castanho, liso, e fez um risco ao lado, muito direitinho. Vestia fato escuro e camisa de flanela cinzenta, de colarinho desabotoado. Enxugou o pequeno sabonete com uma toalha e meteu-o num saco de papel, aberto em cima da cama, no qual já se encontravam uma gilete, quatro pares de peúgas novas e outra camisa de flanela cinzenta. Olhou em redor do quarto e depois fechou o saco, antes de apagar a luz e sair.

Desceu a escada estreita e sem alcatifa e bateu à porta que ficava ao lado da entrada principal. A porta entreabriu-se. Uma mulher espreitou

pela abertura e depois abriu mais a porta — era uma mulher loura e forte, com uma verruga escura ao lado da boca.

— *Mis-ter* Nolan! — exclamou, a sorrir.

— Vou-me embora — informou Nolan.

— Mas voltará. Quer que lhe reserve o quarto?

— Não. Tenho de me ir embora de vez. Recebi uma carta nesse sentido.

— Aqui não recebeu cartas nenhuma — disse a mulher, desconfiada.

— Não, foi no meu trabalho que a recebi. Não voltarei. Tenho uma semana de renda paga adiantada.

O sorriso da mulher dissipou-se lentamente e a sua expressão pareceu tornar-se colérica, sem no entanto se modificar muito.

— Devia ter-me avisado com uma semana de antecedência — lembrou, agressiva. — É essa a norma. Tenho de ficar com a semana paga adiantadamente, porque não me avisou.

— Bem sei, não há problema. Não sabia quanto tempo poderia ficar.

O sorriso voltou ao rosto da senhoria, que declarou:

— Foi um bom hóspede, sossegado, apesar de não se ter demorado muito por cá. Se alguma vez voltar, venha logo ter comigo. Arranjar-lhe-ei onde ficar. Conheço marinheiros que vêm cá todas as vezes que atracam no porto e eu arranjo-lhes sempre alojamento. Não querem ir para mais lado nenhum.

— Não me esquecerei disso, Mrs. Meer. Deixei a chave na porta.

— Apagou a luz?

— Apaguei.

— Bem, nesse caso só preciso de lá ir amanhã de manhã. Quer entrar e beber um copo?

— Obrigado, mas tenho de ir andando.

Os olhos da mulher semicerraram-se, manhosos.

— Não está em apuros, pois não? Se estiver, talvez o possa ajudar.

— Não, ninguém me procura. Arranjei outro emprego, mais nada. Bem, boas noites, Mrs. Meer.

A mulher estendeu-lhe a mão empoada. Jim mudou o saco de papel para o outro braço, apertou-lhe um momento a mão e sentiu a carne dela ceder sob a pressão dos seus dedos.

— Não se esqueça, poderei arranjar-lhe sempre onde ficar. As pessoas procuram a minha casa ano após ano, tanto marinheiros como caixeiros-viajantes.

— Não me esquecerei. Boas noites.

Ela seguiu-o com o olhar até o ver sair e descer os degraus de cimento, para o passeio.

Jim caminhou até à esquina da rua e viu as horas na montra de uma ourivesaria: sete e meia. Começou a andar depressa, para leste, através de um bairro de armazéns e lojas de especialidades, a que se seguiu o da venda por atacado, silencioso àquela hora da noite, com as ruas estreitas desertas e as entradas dos armazéns fechadas com barras de madeira e rede de arame. Por fim chegou a uma velha rua de prédios de tijolo de três andares. Penhoristas e negociantes de ferramentas em segunda mão ocupavam as lojas do rés do chão, enquanto dentistas e advogados em maré de azar tinham consultórios e cartórios nos andares de cima. Jim foi olhando para todas as portas até encontrar o número que queria. Transpôs a entrada escura e subiu a escada estreita, revestida de borracha e com tiras de latão na borda dos degraus. No cimo da escada estava acesa uma pequena lâmpada, mas das diversas portas do comprido corredor só através do vidro fosco de uma delas se coava luz. Jim aproximou-se, viu o número «16» no vidro e bateu.

— Entre! — ordenou uma voz forte.

Jim abriu a porta e entrou num pequeno escritório que continha uma secretária, um ficheiro metálico, uma cama do exército e duas cadeiras de espaldar direito. Em cima da secretária estava uma chapa elétrica, sobre a qual fumegava e fervilhava uma cafeteirinha de lata. O homem sentado à secretária olhou-o solenemente, passou uma vista de olhos pelo cartão que tinha à frente e perguntou:

— Jim Nolan?

— Sim.

O recém-chegado observou com atenção o homem baixo, de correto fato escuro. Penteava o cabelo basto para baixo, do alto da cabeça para cada um dos lados, numa tentativa vã para disfarçar a cicatriz branca, com 1,5 cm de largura, que lhe marcava horizontalmente a orelha direita. Os olhos eram vivos e pretos, olhos irrequietos e nervosos, que não paravam: de Jim para o cartão e deste para o calendário da parede, para um despertador e novamente para Jim. Tinha o nariz grande, grosso em cima e estreito na ponta, e a boca poderia ser simultaneamente cheia e agradável se a tensão muscular constante não a apertasse com força e não tivesse transformado cada um dos lábios numa linha funda. Embora o indivíduo não devesse ter mais de quarenta anos, o seu rosto apresentava dois sulcos vincados, parentéticos, de resistência ao ataque. As mãos, tão nervosas como os olhos, eram grandes — quase excessivamente grandes em relação ao corpo —, com dedos compridos de pontas espatuladas e unhas grossas e planas. Moviam-se pela secretária como as mãos exploradoras de um cego, apalpando papéis e contornando os cantos do móvel, ou tocavam sucessivamente cada um dos botões do colete do homem. A mão direita estendeu-se para a chapa elétrica e puxou a ficha.

Jim fechou a porta e aproximou-se calmamente da secretária.

— Mandaram-me vir aqui — informou.

De súbito, o homem levantou-se e estendeu a mão direita.

— Sou Harry Nilson. Tenho aqui a sua inscrição. — Jim apertou-lhe a mão. — Sente-se, Jim. — A voz nervosa era suave, mas de uma suavidade conseguida com esforço.

Jim puxou a cadeira livre e sentou-se junto da secretária. Harry abriu uma gaveta e tirou uma lata de leite aberta, com os buracos tapados com fósforos, uma chávena de açúcar e duas canecas de louça grosseira.

— Vai uma caneca de café?

— Com certeza.

Nilson deitou o café forte nas canecas.

— Vou-lhe explicar como procedemos com os pedidos de filiação. O seu cartão seguiu para o comité de admissão e eu tenho de falar consigo e fazer um relatório. O comité estuda o relatório e depois vota a sua

admissão ou não admissão. Por isso, se eu o interrogar a fundo, compreenda que tem de ser mesmo assim. — Deitou leite no seu café, levantou a cabeça e os seus olhos sorriram, por instantes.

— Compreendo, claro — declarou Jim. — Já constou que vocês são mais seletivos do que o Union League Club.

— Temos de ser, com a breca! — Empurrou a chávena do açúcar para Jim e perguntou-lhe, de súbito: — Porque quer entrar para o Partido?

Jim mexeu o café e franziu o rosto para se concentrar. Baixou a cabeça e respondeu:

— Bem, podia indicar-lhe uma quantidade de pequenas razões. Trata-se principalmente do seguinte: toda a minha família foi destruída por este sistema. O meu velho, o meu pai, levou tanta porrada por causa de problemas laborais que acabou por se tornar malhadiço; a pancada era uma espécie de bebedeira para ele. Meteu-se-lhe na cabeça que havia de dinamitar um matadouro onde trabalhava. Bem, acabou por levar com uma carga de chumbo grosso de caçadeira no peito, numa desordem.

— O seu pai era Roy Nolan? — interrompeu-o Harry.

— Era. Foi morto há três anos.

— Jesus, tinha fama de ser o refilão mais teso do país! Ouvi dizer que era capaz de vencer cinco polícias só com as mãos.

— Creio que era, mas encontrava sempre seis — redarguiu Jim, a sorrir. — Davam-lhe tarefas colossais. Chegava a casa cheio de sangue e sentava-se junto do fogão da cozinha. Nessas alturas tínhamos de o deixar sozinho. Nem sequer se podia falar com ele, pois desatava a chorar. Quando a minha mãe o lavava, mais tarde, gania como um cão. — Fez uma pausa, antes de acrescentar: — Era magarefe, no matadouro. Costumava beber sangue morno, para conservar a força.

Nilson olhou-o, mas desviou rapidamente os olhos. Dobrou o canto do pedido de admissão e vincou a dobra com a unha do polegar.

— A sua mãe vive ainda? — perguntou, suavemente.

— Morreu há um mês — respondeu Jim, de olhos semicerrados. — Eu estava preso. Trinta dias por vagabundagem. Constou que ela estava a morrer e deixaram-me ir a casa, com um polícia. Ela não tinha nada.

Recusava-se a falar. Era católica, mas o meu pai nunca a deixara ir às igrejas. Detestava igrejas. Limitou-se a fitar-me. Perguntei-lhe se queria que chamasse um padre, mas não me respondeu, continuou a fitar-me. Morreu cerca das quatro da manhã. Aquilo nem pareceu morrer. Não fui ao funeral, embora creia que me teriam deixado ir, se quisesse; mas não fui. Suponho que ela não quis continuar a viver, pura e simplesmente. Suponho também que já tanto se lhe dava ir para o Inferno como não ir.

Harry estremeceu, nervosamente.

— Acabe o café, para lhe dar mais. Parece meio adormecido. Não toma nada, pois não?

— Refere-se a droga? Não. Nem sequer bebo.

Nilson puxou uma folha de papel e tomou alguns apontamentos.

— Como aconteceu isso de o prenderem por vagabundagem?

— Eu trabalhava no Tulman's Department Store, era chefe da secção de embalagem — respondeu Jim, em tom veemente. — Uma noite fui ao cinema e, ao regressar a casa, vi uma multidão na Lincoln Square. Parei para ver o que se passava. No meio do parque estava um tipo a falar. Subi para o pedestal da estátua do senador Morgan, para ver melhor, e de repente ouvi as sireias. Deixei-me ficar a ver as brigadas de intervenção que avançavam do outro lado do parque... e não reparei que vinha outra pela retaguarda, também. Um chui bateu-me mesmo na nuca. Quando recuperei os sentidos já estava registado como vadio. Estive atordoado muito tempo... o tipo bateu-me mesmo aqui. — Jim levou os dedos à base do crânio. — Bem, disse-lhes que não era vagabundo, que tinha emprego, e pedi-lhes que telefonassem a Mr. Webb, o gerente do Tulman's, e eles telefonaram. Webb perguntou onde me tinham apanhado, o sargento respondeu que tinha sido num «comício radical» e o tipo declarou que nunca ouvira falar em mim. Por isso fiquei dentro.

Nilson ligou de novo a chapa eléctrica. O café começou a fazer barulho na cafeteira.

— Mas você parece meio bêbedo, Jim. Que se passa?

— Não sei. Sinto-me morto. Todo o passado desapareceu. Despedi-me da pensão antes de cá vir, embora ainda tivesse uma semana paga.

Não quero voltar a nada do que deixei para trás. Quero desligar-me por completo, acabar com tudo.

Nilson voltou a encher as canecas de café.

— Escute, Jim, desejo dar-lhe uma ideia do que é ser membro do Partido. Terá ensejo de votar em todas as decisões, mas uma vez a votação feita será obrigado a obedecer ao que for decidido. Quando temos dinheiro, tentamos dar aos ativistas vinte dólares por mês, para comerem... mas não me lembro de termos tido dinheiro para isso uma única vez. Agora ouça em que consiste o trabalho: no campo, terá de trabalhar ao lado dos homens e, depois, de fazer o trabalho do Partido, umas vezes dezasseis, outras até dezoito horas por dia. Terá de arranjar comida onde puder. Acha que conseguirá aguentar isso?

— Acho.

Nilson tocou com as pontas dos dedos em várias coisas da secretária.

— Na maior parte das vezes, até as pessoas que estiver a tentar ajudar o odiarão. Sabia isso?

— Sabia.

— Nesse caso, porque quer filiar-se?

Os olhos cinzentos de Jim semicerraram-se, numa expressão de perplexidade. Por fim respondeu:

— Na prisão havia alguns homens do Partido. Conversaram comigo. A minha vida inteira tem sido uma confusão, uma desordem. A deles não. Eles trabalhavam para qualquer coisa, com um fim, e eu também quero trabalhar para qualquer coisa. Sinto-me morto. Pensei que talvez pudesse voltar a viver.

— Compreendo — murmurou Nilson, a acenar com a cabeça. — Poder ter a certeza de que compreendo. Quanto tempo andou na escola?

— Frequentei o segundo ano secundário e depois fui trabalhar.

— No entanto, fala como se tivesse mais estudos.

— Li muito — explicou Jim, a sorrir. — O meu velho não queria que eu lesse, dizia que acabaria por abandonar a minha própria gente. Mas eu lia na mesma. Um dia conheci um homem no parque e ele passou a fazer listas de coisas para eu ler. Oh, li muito e muito variado! O tipo fazia listas

com *A República* de Platão, e a *Utopia*, e Bellamy, e Heródoto, e Gibbon, e Macaulay, e Carlyle, e Prescott, e Espinosa, e Hegel, e Kant, e Nietzsche, e Schopenhauer... Até me obrigou a ler *O Capital*! Ele próprio dizia que era chalado, que gostava de saber coisas sem acreditar nelas. Gostava de agrupar livros que apontavam todos na mesma direção.

Harry Nilson não disse nada durante um bocado.

— Espero que compreenda por que motivo precisamos de ser tão cuidadosos — observou, por fim. — Só temos dois castigos: reprimenda ou expulsão. É preciso ter uma vontade muito grande de pertencer ao Partido. Vou recomendá-lo, porque penso que é um bom homem. No entanto, talvez o recusem, na votação.

— Obrigado.

— Agora escute: tem alguma pessoa de família que possa ser prejudicada se você usar o seu nome verdadeiro?

— Tenho um tio chamado Theodore Nolan. É mecânico. Nolan é um apelido muito corrente.

— Sim, creio que é. Tem algum dinheiro?

— Cerca de três dólares. Tinha mais, mas gastei-o no funeral.

— Onde tenciona ficar?

— Não sei. Cortei com tudo, para começar de novo. Não quis deixar nada pendente.

Nilson olhou para a cama de campanha e disse:

— Eu vivo neste escritório. Como, durmo e trabalho aqui. Se não se importar de dormir no chão, poderá ficar alguns dias.

Jim sorriu, satisfeito.

— Ficarei com muito gosto. As tarimbas da cadeia não eram mais macias do que o seu chão.

— Já jantou?

— Não. Esqueci-me.

— Se lhe apetecer pensar que me estou a pendurar, pense — resmungou Nilson, irritado. — Mas a verdade é que não tenho dinheiro nenhum e você tem três dólares.

Jim deu uma gargalhada.

— Venha daí, compraremos arenques secos, queijo e pão e o necessário para fazer um guisado, amanhã. Sei fazer um bom guisado.

Harry Nilson deitou o resto do café nas canecas e comentou:

— Está a acordar, Jim, está com melhor cara! Mas não imagina no que se vai meter. Poderia informá-lo, mas isso não serve de nada enquanto não passamos pelas coisas.

— Já alguma vez teve um emprego em que, quando adquiria prática suficiente para ser aumentado, era despedido e substituído por outro? Já alguma vez trabalhou nalgum lado em que falassem de lealdade para com a firma, lealdade que significava espiar as pessoas que o cercavam? Com mil raios, não tenho nada a perder!

— Nada, exceto ódio — disse Harry, calmamente. — Ficaré surpreendido quando verificar que deixou de odiar as pessoas. Não sei porque é, mas costuma acontecer isso.